



GUTENBERG

# SEGREDOS MORTAIS

ERIKA FOSTER NUNCA ESTEVE TÃO DETERMINADA  
A ENCONTRAR MAIS UM ASSASSINO

**ROBERT BRYNDZA**

Autor dos best-sellers *A garota no gelo* e *Uma sombra na escuridão*

# SEGREDOS MORTAIS

ROBERT BRYNDZA

# SEGREDOS MORTAIS

**ERIKA FOSTER NUNCA ESTEVE TÃO  
DETERMINADA A ENCONTRAR MAIS UM ASSASSINO**

TRADUÇÃO DE Marcelo Hauck

  
GUTENBERG

Copyright © 2020 Robert Bryndza

Título original: *Deadly Secrets*

Todos os direitos reservados pela Editora Gutenberg. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

EDITORA RESPONSÁVEL

*Flavia Lago*

PREPARAÇÃO DE TEXTO

*Samira Vilela*

REVISÃO

*Júlia Sousa*

CAPA

*Alberto Bittencourt (sobre imagens de Henry Steadman)*

DIAGRAMAÇÃO

*Larissa Carvalho Mazzoni*

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Bryndza, Robert  
Segredos mortais / Robert Bryndza ; tradução Marcelo Hauck. -- São Paulo : Gutenberg, 2020. --  
(Detetive Erika Foster ; 6.)  
Título original: *Deadly Secrets*  
ISBN 978-85-82356-35-7  
1. Ficção inglesa I. Título II. Série.  
20-36081 CDD-823

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura inglesa 823

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

A **GUTENBERG** É UMA EDITORA DO **GRUPO AUTÊNTICA**

[www.editoragutenberg.com.br](http://www.editoragutenberg.com.br)

**São Paulo**

Av. Paulista, 2.073, Conjunto Nacional, Horsa I 23º andar . Conj. 2310-2312 . Cerqueira César 01311-940 .

São Paulo . SP

Tel.: (55 11) 3034 4468

**Belo Horizonte**

Rua Carlos Turner, 420 Silveira . 31140-520 Belo Horizonte . MG

Tel.: (55 31) 3465 4500

Para Riky e Lola

---

O homem é menos ele mesmo quando fala de si.  
Dê-lhe uma máscara, e ele dirá a verdade.

Oscar Wilde

# CAPÍTULO 1

Já era tarde na véspera de Natal quando Marissa Lewis desceu do trem, na estação Brockley, e avançou junto aos passageiros bêbados até a passarela. Os primeiros flocos de neve rodopiavam preguiçosos no ar, e as pessoas, todas afetuosas e alcoolizadas, estavam ansiosas para chegar em casa e dar início às festividades.

Marissa era uma mulher bonita, de cabelo preto azulado, olhos violeta e um corpo escultural. Tinha orgulho de ser *aquela* garota sobre a qual as mães sempre alertam os filhos. Estava voltando para casa, saindo de um clube em Londres onde se apresentava como dançarina burlesca. Usava um sofisticado sobretudo preto vintage com arremate de pele, o rosto pálido e os olhos carregados, cílios postiços e lábios delineados em escarlata. Quando alcançou os degraus que levavam à passarela, dois rapazes à sua frente se viraram e a olharam de cima a baixo. Marissa acompanhou os olhares e viu que a parte de baixo do seu casaco tinha desabotoado, revelando, enquanto subia a escada, um vislumbre da meia-calça e das cintas-ligas que usava durante as apresentações. Ela parou para fechar os grandes botões de metal, e as pessoas passaram aos montes ao seu redor.

– Espero que essa pele seja falsa – murmurou uma voz atrás dela.

Marissa se virou e viu uma jovem esquelética acompanhada do namorado igualmente esquelético. Ambos usavam casacos de inverno surrados, e a mulher tinha um cabelo oleoso comprido.

– É falsa, sim – assegurou ela, abrindo um enorme sorriso para disfarçar a mentira.

– Parece de verdade – discordou a jovem. O namorado, imóvel, a boca semiaberta, encarava o lampejo de renda e liga enquanto

Marissa terminava de arrumar o casaco. – Frank! – ladrou ela, arrastando-o escada acima para longe da garota.

O arremate de pele do casaco *era* de verdade. Havia barganhado a peça em um brechó no Soho, mesmo lugar onde tinha comprado a frasqueira que levava pendurada no braço.

Marissa subiu o resto da escada e atravessou a passarela. Lá embaixo, os trilhos do trem brilhavam ao luar, e uma fina camada de neve começava a se formar nos telhados. Quando estava quase no fim da escada, viu que os dois rapazes de antes haviam diminuído o passo e a esperavam no patamar. Seu coração começou a bater mais depressa.

– Posso ajudar você? – perguntou o mais alto, oferecendo o braço. Era bonito, ruivo, o rosto liso e rosado. Vestia terno completo com um sobretudo bege, e seus sapatos de couro, também bege, brilhavam. O outro era mais baixo e vestia-se de maneira quase idêntica, mas não tivera tanta sorte no quesito aparência.

– Não precisa – respondeu ela.

– Você pode escorregar – insistiu ele, enfiando o braço com força por baixo do dela. Eles agora bloqueavam metade da escada. Ela o observou por um momento e decidiu que talvez fosse mais fácil aceitar a ajuda.

– Obrigada – disse, cedendo o braço. O mais baixo quis pegar a frasqueira, mas ela negou com a cabeça e sorriu. O sal triturado sob seus pés fazia barulho enquanto desciam, e Marissa continuou prensada entre os dois. Eles fediam a cerveja e cigarro.

– Você é modelo? – perguntou o mais alto.

– Não.

– O que “M.L.” significa? – quis saber o outro, apontando para as letras impressas na frasqueira.

– São minhas iniciais.

– E qual é o seu nome?

– Eu sou Sid e este é Paul – emendou o mais alto. Paul abriu um sorriso, deixando à mostra os dentes grandes e amarelados.



Chegaram ao final da escada, e ela os agradeceu, soltando o braço.

– Quer tomar alguma coisa?

– Obrigada, mas estou indo pra casa – disse Marissa. Os dois continuavam bloqueando metade da escada, e um fluxo de pessoas passava por eles. Ficaram parados ali por um momento, esperando, analisando a situação.

– Vamos, é Natal – disse Sid. Marissa se afastou, deixando as pessoas passarem entre eles. – Podemos dar uma carona a você, então? – acrescentou ele, enfiando-se entre as pessoas para alcançá-la. Paul o seguiu, tirando um rapaz do caminho com um empurrão. Seu olhar faiscava, parecendo, ao mesmo tempo, perdido e penetrante.

– Não, é sério. Preciso ir pra casa, mas obrigada, pessoal. Feliz Natal.

– Tem certeza? – insistiu Paul.

– Tenho, obrigada.

– Podemos tirar uma foto com você? – pediu Sid.

– O quê?

– Só uma selfie com a gente. Gostamos de garotas bonitas, e assim teremos algo pra olhar quando estivermos solitários na cama.

A forma como olhavam para ela fez Marissa pensar em lobos. Lobos famintos. Eles se inclinaram para perto, um de cada lado. Ela sentiu uma mão agarrar sua bunda quando Sid pegou o celular para tirar uma selfie, depois outra. Os dedos começaram a se movimentar entre as suas nádegas.

– Legal – disse ela, afastando-se. Eles mostraram a foto. Ela estava com os olhos arregalados, mas não demonstrava tanto medo quanto sentia por dentro.

– Você é muito gata – disse Sid. – Tem certeza de que não podemos convencê-la a tomar alguma coisa com a gente?

– Temos vodca, Malibu, vinho – disse Paul.

Marissa olhou para a passarela atrás de si e viu que alguns passageiros ainda atravessavam. Virando-se para eles novamente,

forçou um sorriso.

– Desculpe, pessoal. Hoje não.

Ela olhou para uma das câmeras de segurança acima deles, envolta em uma cúpula de plástico. Os dois acompanharam seu olhar. Por fim, sacaram a indireta e foram embora.

– Essa vagabunda tá se achando – ouviu Paul dizer.

Ela recuou, aliviada, e observou enquanto os dois caminhavam até um carro estacionado junto ao meio-fio, evitando encará-los quando se viraram para trás. Ouviu risadas, portas batendo e, depois, o barulho do motor. Marissa só percebeu que estava prendendo a respiração quando o carro arrancou e saiu pela via de acesso da estação.

Ela soltou o ar e viu que os últimos passageiros estavam descendo a escada. Lá em cima havia um homem alto e bonito, de 50 e poucos anos, acompanhado da esposa, muito pálida.

– Merda – sussurrou, seguiu apressada até as máquinas de bilhetes e ficou encarando uma das telas.

– Marissa! Eu vi você! – berrou a mulher, sua voz embolada devido ao álcool. – Eu vi você, sua piranha! – As escadas rangeram quando ela se apressou na direção de Marissa.

– Jeanette! – chamou o homem.

– Nos deixe em paz! – gritou a mulher, levantando a mão para Marissa, mas parando antes de tocá-la. Seu dedo comprido balançava a centímetros do rosto da jovem. – Fique longe dele!

Seus olhos estavam raiados de sangue, o rosto, vermelho e inchado, e o batom escarlate havia manchado as rugas de fumante em volta da boca.

– Jeanette! – vociferou o homem, entredentes, alcançando-a e afastando-a. Embora o casal tivesse aproximadamente a mesma idade, ele tinha o rosto bonito, ainda que enrugado. Era um lembrete a Marissa de que o tempo podia ser mais gentil com os homens.

– Tento ao máximo não cruzar seu caminho, mas moramos na mesma rua. Não tem jeito – justificou Marissa, dando um sorriso

doce.

– Você é uma vadia!

– Estava no pub, Jeanette?

– Estava – rosnou ela. – Com o *meu* marido.

– Você parece sóbrio, Don. Eu achava que era você quem precisava encher a cara pra aguentar a esposa.

Jeanette levantou a mão para estapear o rosto de Marissa, mas Don a segurou.

– Já chega. Por que não consegue ficar calada, Marissa? Está vendo que ela não está bem – disse ele.

– Não fale como se eu não estivesse aqui, caramba! – gritou Jeanette, com a voz embolada.

– Anda, vamos – disse ele, conduzindo-a como se fosse uma inválida.

– Prostituta de merda – murmurou Jeanette.

– Nunca pagaram pra fazer sexo comigo! – gritou Marissa. – Pergunte ao Don!

O homem olhou para trás com uma expressão de tristeza. Ela se perguntou se ele estava triste consigo mesmo ou com a esposa alcoólatra. Don ajudou Jeanette a chegar ao carro e a acomodou no banco do passageiro. Assim que saíram, Marissa fechou os olhos e pensou nele. Lembrou-se de quando ele batia na porta dela tarde da noite, enquanto sua mãe estava dormindo, e os dois subiam às escondidas para o quarto. Lembrou-se da sensação do corpo quente dele contra sua pele enquanto faziam amor...

Quando abriu os olhos novamente, viu que o último passageiro já havia desaparecido pelas ruas e que ela estava sozinha. Nevava muito, os flocos iluminados pelo arco de luzes que circundava o saguão da estação. Marissa chegou à saída e virou à direita, na Foxberry Road. Árvores de Natal cintilavam nas janelas das casas, e o barulho de seus sapatos contra a neve quebrava o silêncio.

A rua terminava em uma curva fechada que dava para a Howson Road. Ela parou, hesitante. O caminho se estendia escuridão

adentro. Vários postes estavam apagados, restando apenas dois para iluminar quase quinhentos metros de casas grudadas umas às outras nos dois lados da rua. Ela queria ter feito aquele trajeto com os outros passageiros do último trem; sempre havia pelo menos duas pessoas no mesmo percurso, o que dava mais segurança. Mas Jeanette e os dois asquerosos na estação haviam atrapalhado seus planos.

Marissa se apressou, deixando para trás becos sombrios e janelas escuras e vazias, perseguindo cada foco de luz. Sentiu alívio quando a Coniston Road emergiu da escuridão, uma rua muito iluminada graças à escola que havia ao final. Ela virou à esquerda e passou pelo parquinho antes de atravessar a rua e chegar ao portão de casa, que rangeu ao ser aberto. As janelas estavam todas escuras, e o pequeno jardim, banhado em sombras. Marissa já estava com as chaves na mão, prestes a colocar na fechadura, quando escutou um ruído atrás de si.

– Nossa! Você me assustou, Beaker – disse ela ao ver o corpo escuro e brilhante do gato sentado em cima da lixeira ao lado do portão. Ela se aproximou e o pegou no colo. – Vem cá. Está frio demais aqui fora. – Beaker ronronou e a olhou com seus intensos olhos verdes. Ela encostou o rosto em seu pelo quente. O gato se aninhou apenas por um breve momento, depois se contorceu em seus braços. – Tá bom, seu pacotinho de cocô. – Ele deu um salto, atravessou a cerca-viva em disparada e foi para o jardim vizinho.

Marissa levantou a mão para enfiar a chave na porta, mas escutou o portão ranger e congelou. Ouviu um ruído áspero, depois passos na neve. Ela se virou lentamente.

Uma pessoa de sobretudo preto estava de pé atrás dela, o rosto coberto por uma máscara de gás e uma touca de couro brilhante bem ajustada à cabeça. Duas grandes e inexpressivas órbitas de vidro a encaravam, e o filtro da máscara alongava o rosto para baixo até chegar ao peito. O sujeito usava luvas pretas e segurava uma faca fina e comprida na mão esquerda.

Marissa tateou ao redor da fechadura, tentando enfiar a chave, mas a pessoa correu em sua direção, agarrou seus ombros e a empurrou com força contra a porta. Ela viu um clarão prateado e, em seguida, seu sangue espirrando nas órbitas de vidro da máscara.

A frasqueira caiu no chão, e Marissa levou as mãos ao pescoço, só então sentindo a dor terrível do corte fundo em sua garganta. Tentou gritar, mas o que saiu foi apenas um gorgolejo, e sua boca encheu-se de sangue. Ela levantou as mãos quando a faca serpenteou para lhe dar mais um golpe, cortando-lhe dois dedos e o tecido do casaco até o antebraço. Ela não conseguia respirar e tentava puxar o ar, balbuciando e espirrando sangue. Seu oponente a agarrou pela nuca, arrastou-a até a entrada e bateu sua cabeça contra o pilar do portão. A dor explodiu em seu rosto, e ela ouviu um osso estalar.

Marissa arfava e engasgava, incapaz de encher de ar seus pulmões já inundados. Observava, quase apática, aquela estranha figura se esforçando para arrastá-la pelo terreno, afastando-a do portão até o meio do minúsculo jardim. O sujeito cambaleava e parecia prestes a cair, mas manteve o equilíbrio. Com as duas mãos, baixou a faca mais uma vez, golpeando a jovem na garganta e cortando-lhe o pescoço. Enquanto o sangue jorrava, manchando o manto de neve, e a vida deixava seu corpo, Marissa pensou ter reconhecido o rosto por trás dos grandes olhos de vidro da máscara de gás.

## CAPÍTULO 2

O despertador da detetive inspetora-chefe Erika Foster tocou às 7h da manhã, e, das profundezas das cobertas, um braço magro e pálido emergiu e o desligou. O quarto estava escuro e gelado, a luz dos postes atravessando as persianas finas como papel – as quais Erika queria trocar desde que se mudara para o apartamento, mas ainda não havia tocado no assunto com o proprietário. Ela rolou para fora da cama, caminhou silenciosamente até o banheiro, tomou um banho e escovou os dentes.

Foi só depois de vestir a roupa e guardar na bolsa o telefone, a carteira e o distintivo que Erika se lembrou que era Natal e que tinha sido convidada para almoçar na casa do comandante Paul Marsh.

– Droga! – xingou ela, sentando-se na cama e passando a mão pelo cabelo louro curto. – Droga.

A maioria dos policiais enxergaria um convite para o almoço de Natal na casa do comandante e sua família como um sucesso. Mas, para Erika, sua relação com Marsh era... *complicada*.

A detetive havia acabado de encerrar um caso perturbador de um jovem casal que cometera uma série de assassinatos. O doentio jogo envolveu o sequestro das duas filhas pequenas de Marsh, e Marcie, sua esposa, tinha sido agredida durante a emboscada. Tudo isso levou a uma verdadeira caçada policial. Erika, que fora responsável pelo resgate das meninas, entendeu que Marsh e Marcie a haviam convidado como uma forma de agradecimento, mas ela só queria seguir em frente.

Erika se levantou, abriu o armário e ficou olhando o escasso cabideiro de roupas, em que quase todas as peças serviam para trabalhar. Depois de vasculhar as calças sociais pretas, os suéteres e as camisas brancas, tudo pendurado de forma organizada,

desenterrou um vestido azul sem mangas. Virando-se para o espelho acima da penteadeira, suspendeu o cabide abaixo do queixo. Ela media 1,82m descalça. Tinha bochechas firmes e altas, grandes olhos verdes e o cabelo louro curto, arrepiado em tufo molhados.

– Nossa, estou magérrima – disse, moldando o vestido nas partes do corpo em que um dia existiram curvas. Ela olhou para a foto do falecido marido, Mark, na penteadeira. – Quem precisa dos Vigilantes do Peso? Ficar viúva faz maravilhas para a cintura... – A frieza da piada a chocou. – Desculpe – acrescentou.

Mark também tinha sido policial. Ele, Erika e Marsh fizeram o treinamento juntos, mas Mark havia sido morto há mais de dois anos, durante uma batida em busca de drogas. A foto do marido fora tirada na sala da casa que ele e Erika haviam compartilhado durante quinze anos, em Manchester. O sol penetrava pela janela, iluminando o cabelo escuro cortado à máquina e criando uma auréola dourada ao seu redor. Ele tinha o rosto bonito, além de um sorriso cordial e cativante.

– Não sei o que dizer a Marsh e Marcie... Só quero virar a página e seguir em frente, sem confusão.

Mark sorriu para ela.

– Acha que é mentira? Será que é tarde demais para dar uma desculpa?

*Qual é, Erika, o sorriso dele parecia dizer, colabora.*

– Você está certo, não posso cancelar... Feliz Natal. – Ela levou um dedo aos lábios e depois o pressionou contra o vidro do retrato.

Erika foi até a pequena sala-cozinha, parcamente mobiliada com um sofá minúsculo, uma televisão e uma prateleira de livros meio vazia. Em cima do micro-ondas, havia uma minúscula árvore de Natal de plástico. No passado, o enfeite costumava ficar em cima da TV, mas, com o advento da tela plana, o topo do micro-ondas era o único lugar em que ele podia ficar sem parecer ridículo. Ela ligou a

cafeteira e abriu as cortinas. O estacionamento e o restante da rua haviam desaparecido sob um grosso tapete de neve, que refletia a luz alaranjada dos postes. Não havia pessoas nem carros, e ela se sentiu sozinha no mundo. Uma rajada de vento soprou rente ao chão, arrastando uma poeira de neve que se juntaria ao monte empilhado junto ao muro do estacionamento.

O telefone fixo tocou enquanto Erika servia o café. Ela atravessou o corredor às pressas para atendê-lo, na esperança de que, por um milagre, o almoço estivesse cancelado.

Era o pai de Mark, Edward.

– Eu acordei você, minha querida? – perguntou ele, com seu cordial sotaque de Yorkshire.

– Não, eu já estava acordada. Feliz Natal.

– Feliz Natal pra você também. Está frio aí em Londres?

– Nevando – respondeu ela. – Na altura do tornozelo, o que é suficiente pra virar notícia.

– Aqui, a neve já subiu mais de um metro. E lá em Beverley ainda mais. – A voz dele soava fraca e tensa.

– E vocês estão se mantendo aquecidos?

– Estamos, querida. A lareira faz com que eu me sinta elegante, então vou mantê-la acesa o dia todo... É uma pena que a gente não vai se ver.

Erika sentiu uma pontada de culpa.

– Vou aparecer aí no Ano-novo. Tenho uns dias de férias pra tirar.

– Colocaram você pra trabalhar hoje?

– Hoje não. Fui convidada pra almoçar na casa do Paul Marsh com a família dele... Depois de tudo o que aconteceu, não pude recusar.

– Quem é esse, meu bem?

– Paul. Paul Marsh...

Houve um silêncio do outro lado da linha.

– Sim, claro! O jovem Paul. Ele conseguiu vender aquele Ford Cortina?



– O quê?

– Duvido que consiga muito por aquele carro. É uma lata velha. Dá pra atravessar a ferrugem com o dedo.

– Edward, do que você está falando? – perguntou Erika. Marsh havia tido um Ford Cortina vermelho no início dos anos 1990.

– Minha nossa! Que idiota eu sou... Não dormi muito bem essa noite. Como estão as coisas com ele, depois do que aconteceu?

Erika não sabia o que dizer. Torcia o fio do telefone nos dedos. Apesar dos quase 80 anos, Edward sempre fora extremamente lúcido e atinado.

– Tem muito pouco tempo. Não os vejo desde então.

Ela escutou a chaleira apitar ao fundo.

– Diga que desejo tudo de bom pra eles, tá bem?

– É claro.

– Vou desligar, minha querida. Preciso do meu chazinho da manhã pra despertar. E abrir meus presentes. Se cuida, e feliz Natal.

– Edward, tem certeza de que está tudo bem? – ela perguntou, mas ele já tinha desligado.

Erika encarou o telefone por um momento, depois foi à janela. A mansão vitoriana em frente era grande e ornamentada – e, como o restante das casas da rua, tinha sido transformada em um prédio residencial. Havia várias luzes acesas, e em uma das janelas ela viu um casal com duas crianças pequenas abrindo os presentes ao redor de uma grande árvore de Natal. Uma mulher com um grosso casaco passou caminhando com dificuldade pela calçada, de cabeça baixa por causa da neve, puxando um cachorrinho pela coleira. A detetive voltou ao telefone e o tirou do gancho, mas acabou colocando-o de volta no lugar.

Erika se arrumou e saiu do apartamento pouco antes das 11h. A neve caía pesadamente, deixando o dia modorrento, com todas as lojas fechadas. Ela viu algumas crianças brincando no quintal, fazendo guerra de bolas de neve.

Quando passou dirigindo pelas lojas próximas à estação de trem Crofton Park, o trânsito começou a ficar mais congestionado e lento, até parar de vez. Os limpadores de para-brisa do carro rangiam ao passar por cima da neve seca. Mais adiante, Erika pôde ver as sirenes azuis da polícia. Isso a animou um pouco, mudando seu foco para o trabalho. O trânsito se arrastava, e, à esquerda da Crofton Park School, uma das ruas estava bloqueada por duas viaturas e uma fita de isolamento. O detetive John McGorry conversava com dois policiais perto da fita esvoaçante. Quando chegou perto deles, Erika buzinou, e os dois se viraram.

– O que está acontecendo? – gritou, abaixando o vidro. Uma lufada de neve entrou pela janela, mas ela não ligou.

McGorry suspendeu a lapela de seu comprido casaco e se aproximou, apressado. Era um jovem bonito de 20 e poucos anos, cabelo escuro e uma franja desleixada que lhe caía sobre o rosto. Tinha a pele macia e clara e as bochechas rosadas de frio. Quando chegou à janela, jogou o cabelo para trás com a mão enluvada.

– Feliz Natal, chefe. Está indo a alguma festa? – perguntou ele, notando que ela estava maquiada e de brinco.

– Um almoço... O que está acontecendo?

– Encontraram o corpo de uma moça esfaqueada na porta de casa. Quem fez isso a atacou feito louco, tem sangue por todo lado – informou McGorry, mexendo no cabelo. O trânsito começou a andar, e ele voltou para a calçada, esperando que Erika arrancasse.

– Bom almoço pra você, chefe. Queria já estar de folga. Você pega serviço amanhã?

– Quem é o detetive inspetor de plantão?

– Peter Farley, mas ele está atendendo um caso de esfaqueamento triplo em Catford. Parece que as pessoas não param de matar só porque é Natal.

O carro à frente avançou, e uma van atrás buzinou. Erika pensou no quanto uma cena de assassinato brutal era mais convidativa do que um almoço de Natal com Marsh. A van buzinou de novo. Ela

engatou a marcha e subiu com o carro na calçada, fazendo McGorry dar um salto para trás. Pegou o distintivo, o casaco, e desceu do carro.

– Me mostre a cena do crime.